

penso, logo questiono

POR MEIO DE FILÓSOFOS,
PROFESSOR DE SÉRIE DA
TELEVISÃO ESPANHOLA
INCENTIVA ALUNOS A EXERCITAR
O PENSAMENTO CRÍTICO



© DIVULGAÇÃO

HÉCTOR LOZANO
é escritor, diretor e
produtor espanhol.

onflitos com os pais, redes sociais, sexualidade, mercado de trabalho. Essas e outras questões que povoam o universo da adolescência na atualidade podem ser abordadas por pensadores da antiga Grécia, como Sócrates, Aristóteles e Platão. Ou mais modernos, como Michel Foucault. É numa junção assim que se estabelece o princípio da série *Merlí*, produzida pela TV3, emissora da Catalunha, desde 2015. Disponíveis no Brasil pela Netflix, os episódios acontecem predominantemente em sala de aula de uma escola pública. A série leva o nome do protagonista, Merlí Bergeron, interpretado por Francesc Orella, um professor de Filosofia que instiga os alunos a pensar por si mesmos. “Merlí os convida a ser críticos, a questionar o que veem nos meios de comunicação, a não se deixar levar pela opinião da maioria, a duvidar de tudo”, explica Héctor Lozano, o criador da série. Na entrevista a seguir, o escritor e produtor comenta como concebeu a obra e expõe pontos de vista sobre a educação.

A escola é muito importante porque ali se prepara nosso futuro como sociedade e o futuro de cada um

O que o levou a pensar em uma série cujo principal cenário é uma escola?

A escola é muito importante porque ali se prepara nosso futuro como sociedade e o futuro de cada um, em um nível pessoal. Interessa-me muito o tema e, sobretudo, tratar sem frivolidades os adolescentes.

Merlí é um professor que surpreende e seduz seus alunos ao inverter a ordem das coisas. Distancia-se do cotidiano burocrático escolar e convida os alunos a exercer a liberdade de pensamento e de ação. Seria essa uma das chaves para gerar empatia com os jovens, tanto na escola como na série de TV?

Exatamente. Merlí os convida a ser críticos, a questionar o que veem nos meios de comunicação, a não se deixar levar pela opinião da maioria, a duvidar de tudo... A refletir. Esta foi a minha maneira de me aproximar dos jovens e também do espectador, por isso acredito que não apenas os adolescentes gostaram, como também o público de todas as idades.

Merlí se transforma em sala de aula. Mostra-se seguro e parece estar preparado para tudo. Longe da escola, não se mostra tão seguro. Quais foram suas referências para criar o personagem?

Tive muitas fontes: *Sociedade dos poetas mortos* [1989, dir.: Peter Weir], *O clube dos cinco* [1985, dir.: John Hughes]. E muitos outros filmes e peças de teatro. O cinema clássico foi o que mais me ensinou a aprofundar as relações entre os personagens. Está tudo escrito, ninguém inventa nada. Eu uni dois conceitos que pareciam impossíveis de juntar: filosofia e adolescentes. E esse coquetel tem funcionado.

A escola às vezes tem dificuldades para abordar temas como sexualidade, drogas e suicídio. A filosofia abre portas para se falar sobre esses assuntos?

A filosofia abre portas para tudo. Por isso acho que deveria ser obrigatória desde os 6 anos. Por que em sala de aula se fala de Mozart, e não de Sócrates? Na adolescência os alunos chegariam a ter um nível de análise e de oratória importante. Mas será que isso interessa aos políticos? Acho que não. Filosofia e poder não se dão muito bem.

No primeiro episódio, o professor de catalão diz a Merlí: “Previa-se que a filosofia acabaria desvalorizada por todos”. Em uma época em que tudo tem de ser útil e eficaz, você acha que essa seja a tônica pela qual devemos apreciar a filosofia?

A filosofia até pode não servir para nada, isto é, para nenhum propósito econômico. A filosofia serve para saber, para entender, e isso já é muito, já é enriquecedor. Mas também podemos lutar contra a ideia de que com filosofia não é possível ganhar a vida. Quem disse? Onde está escrito isso? Há pessoas que ganham, sim, dinheiro com filosofia.

A busca pelo conhecimento se tornou fundamentalmente utilitária, como diz o filósofo italiano Nuccio Ordine, autor de *A utilidade do inútil*?

É preciso lutar contra essa única concepção utilitária das humanidades. Elas servem, e muito, e são bastante necessárias.

A revolução tecnológica está mudando nossas vidas. A escola não é alheia a essa realidade. Em sua opinião, como os instrumentos digitais podem e devem ser incorporados ao dia a dia da escola?

Uma lousa, celulares desligados e um bom professor. Não é necessário nada mais.

Se você fosse o diretor de uma escola, como ela seria?

Sou muito clássico. Os celulares seriam proibidos nessa escola. Filosofia desde os 6 anos. Fisicamente aberta à natureza (mais saídas, mais excursões, mais visitas a museus, ao teatro e ao cinema). Disciplina de história do cinema seria obrigatória dos 11 aos 14 anos. E, sobretudo, um corpo de professores que se entregue ao máximo à luta contra o *bullying*. Se um aluno fizer *bullying*, tem de ser tratado, é preciso falar com a família e inclusive retirá-lo por um tempo da sala de aula. É preciso garantir a segurança do menor acossado.

O filósofo Immanuel Kant (1724-1804) afirma que a grande missão da escola é ensinar os alunos a pensar. Acha que essa ideia ainda é válida?

Completamente. Kant recolheu esta máxima de Horácio: *Sapere aude*, ou seja, “atreva-se a conhecer”. Com essas palavras em latim, ele estava nos convidando à maturidade, a não nos deixar levar pela massa, a ser críticos... Está valendo agora mais do que nunca, e é necessária. Sobretudo quando vemos o auge de movimentos de ultradireita em tantos países, incluindo a Espanha.

Por que a inserção no mercado de trabalho é recorrente na série?

Os adolescentes se preocupam com o futuro. Foi por meio do personagem Pol, que vem de uma família de classe baixa, que entrei nesse tema do trabalho. A incerteza do adolescente sobre seu futuro no mercado de trabalho é uma coisa difícil de levar. A escola tem de acompanhar o aluno nesses momentos. ▲

